

DINÂMICAS DA VIDA E (IM)POSSIBILIDADES DO LAZER EM TERRITÓRIO DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NEGRAS

Diênifer Monique da Conceição¹, André Luiz dos Santos Silva²

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil
(djeny.monique@hotmail.com)

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

Resumo: Com elevados índices de tentativas de feminicídio, esta pesquisa analisa as narrativas de seis mulheres negras de Novo Hamburgo sobre cotidiano, violência de gênero e lazer. Por meio da oralidade e da escrivência, identifica a "correria" como categoria que organiza suas vidas. Nesse contexto, o "fazer um monte de nada" emerge como experiência efêmera de tranquilidade, enquanto a violência reorganiza e intensifica a correria, compondo as dinâmicas cotidianas.

Palavras-chave: Gênero; Raça; Lazer

INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres constitui um fenômeno histórico que expressa relações desiguais de poder produzidas por marcadores como gênero, raça e classe. Embora atinja mulheres em diferentes contextos sociais, suas manifestações incidem de maneira desproporcional sobre mulheres negras, evidenciando que o racismo e o sexismo operam de forma articulada na produção e manutenção dessas desigualdades (Carneiro, 2003; Crenshaw, 2002; Gonzalez, 2018). Nesse cenário, compreender as experiências de mulheres negras requer reconhecer que suas trajetórias são atravessadas por múltiplos processos de discriminação, os quais repercutem nas condições de vida, no acesso a direitos e nas possibilidades de vivenciar diferentes dimensões da existência.

Entre essas dimensões, o lazer ainda ocupa um lugar periférico nas discussões acadêmicas quando relacionado às experiências de mulheres negras. Embora o campo dos estudos do lazer tenha ampliado suas perspectivas nas últimas décadas, permanece reduzido o número de pesquisas que articulam lazer, mulheres negras e violência. Levantamento realizado em bases de dados nacionais evidenciou uma produção científica incipiente sobre essa intersecção, revelando uma importante lacuna no conhecimento e indicando que as vivências de lazer de mulheres negras continuam sendo pouco exploradas pela literatura especializada. Essa ausência contribui para a invisibilização de sujeitos, práticas culturais e formas de resistência produzidas em contextos historicamente marcados por

desigualdades sociais e raciais (Gomes, 2014; Das Dores et al., 2021).

Pensar o lazer nesse contexto significa deslocá-lo de uma compreensão restrita ao tempo livre ou ao entretenimento, reconhecendo-o como uma prática social atravessada por relações culturais, políticas e simbólicas (Stigger, 2009; Pacheco; Stigger, 2016). Nessa perspectiva, compreender essas experiências implica considerar os territórios onde são produzidas, bem como as relações sociais que lhes atribuem sentidos.

O município de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, apresenta um contexto particularmente relevante para essa discussão. Marcado por uma narrativa histórica centrada na imigração alemã, o município também evidencia processos de invisibilização da presença e das contribuições da população negra para sua constituição social e cultural (Magalhães, 2010). Paralelamente, determinadas regiões da cidade concentram elevados registros de violência contra mulheres, tornando-se espaços importantes para compreender como práticas culturais e comunitárias coexistem com contextos de vulnerabilidade.

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo compreender as experiências de lazer de mulheres negras em um contexto de violência, buscando refletir sobre os significados atribuídos às suas práticas cotidianas e às formas de construção de pertencimento, resistência e produção da vida. Ao lançar o olhar para essas experiências, pretende-se contribuir para ampliar o debate sobre lazer, relações étnico-raciais e violência, evidenciando sujeitos e práticas historicamente invisibilizados no campo da produção científica.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de dados produzidos no Projeto de Pesquisa Relações de Gênero na Escola. Inicialmente, foram elaborados mapas de calor para identificar as regiões com maior incidência de violência contra mulheres negras no município de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul (Silva; Meyer; Riegel, 2021). Para a construção desses mapas, realizou-se a coleta dos endereços das ocorrências de violência na Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM), entre fevereiro e março de 2020. Os registros foram organizados em planilhas do Microsoft Excel, georreferenciados no Google Earth e posteriormente processados no software ArcGIS, permitindo a elaboração dos mapas de calor e a identificação das áreas de maior concentração de denúncias. Foram considerados os registros de lesão corporal, estupro, estupro de vulnerável e feminicídio (tentado e consumado), além do marcador étnico-racial, contemplando mulheres autodeclaradas pretas e pardas. Os mapas foram construídos com dados referentes ao período de 2017 a 2020.

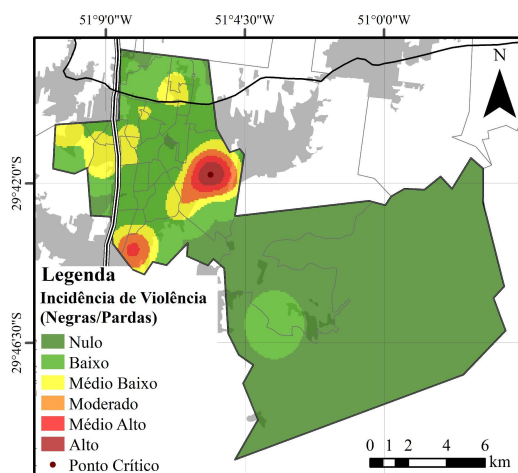


Figura 1. Mapa de incidência de violência Mulheres pretas e pardas.

A partir da identificação da região de maior incidência de violência contra mulheres negras, foi delimitado o contexto da pesquisa, desenvolvido em uma comunidade periférica de Novo Hamburgo. Participaram do estudo seis mulheres negras residentes nesse território, selecionadas de forma intencional conforme os objetivos da investigação e sua disponibilidade para participar. O contato inicial

foi realizado por meio do aplicativo WhatsApp, utilizado para o convite e agendamento das conversas.

A produção dos dados ocorreu por meio de conversas orientadas por um roteiro semiestruturado, permitindo que novos temas emergissem ao longo dos encontros. As entrevistas foram realizadas nas residências das participantes, em horários definidos conforme sua disponibilidade, buscando proporcionar um ambiente acolhedor e favorável ao diálogo.

A interpretação dos dados fundamentou-se na perspectiva da escrevivência, proposta por Conceição Evaristo (2007), valorizando as experiências, memórias e subjetividades das interlocutoras. Além disso, a pesquisadora assume seu lugar de fala como mulher negra pertencente ao território investigado, compreendendo essa posição como parte constitutiva do processo de produção do conhecimento.

A pesquisa foi conduzida em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer nº 88110518.2.0000.5348. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo assegurados o anonimato, a confidencialidade das informações e o direito de desistência a qualquer momento da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

"A gente vive na correria"

"A gente vive na correria". A frase, repetida de diferentes maneiras pelas seis interlocutoras, tornou-se um dos principais achados desta pesquisa. Mais do que uma expressão cotidiana, a correria constitui uma categoria produzida no campo para nomear um modo de viver atravessado por responsabilidades, deslocamentos, cuidado e violência. Não se trata apenas da falta de tempo ou do acúmulo de tarefas. A correria organiza a vida (Conceição, 2024).

Nas narrativas, acordar antes do amanhecer, preparar os filhos para a escola, trabalhar, resolver demandas da casa, cuidar de familiares, enfrentar longos deslocamentos e lidar com acontecimentos inesperados fazem parte de uma mesma dinâmica. Essas atividades não aparecem fragmentadas. Pelo contrário, constituem um fluxo contínuo no qual as fronteiras entre trabalho, cuidado e vida pessoal praticamente desaparecem (Conceição, 2024).

Essa organização cotidiana não pode ser compreendida dissociada das relações de raça, gênero e território. Conforme propõe Crenshaw (2002), os



marcadores sociais atuam simultaneamente na produção das desigualdades. Nas experiências narradas pelas interlocutoras, a responsabilidade pelo cuidado aparece naturalizada, como se fosse uma atribuição inerente às mulheres. Entretanto, trata-se de uma construção histórica que, como argumentam Lélia Gonzalez (1988) e Sueli Carneiro (2003), atribuiu às mulheres negras posições específicas na organização social brasileira.

Ao mesmo tempo, a correria também revela inventividade. Mesmo diante da sobrecarga, as interlocutoras mobilizam redes familiares, vizinhas, amigas e coletivos comunitários para garantir que a vida aconteça. A correria, portanto, não expressa apenas exaustão; ela evidencia práticas cotidianas de criação, negociação e manutenção da vida (Conceição, 2024).

"Fazer um monte de nada"

Foi também durante as conversas que outra expressão chamou atenção: "fazer um monte de nada". Em um primeiro momento, a frase parece contradizer a correria. Entretanto, à medida que as narrativas avançavam, tornou-se evidente que ambas fazem parte da mesma experiência cotidiana (Conceição, 2024).

Fazer um monte de nada não significa ausência de atividade. Significa experimentar, ainda que por poucos minutos, uma sensação de tranquilidade. Esses momentos não são planejados nem garantidos. Eles acontecem quando a correria permite uma pequena pausa. Por isso, possuem caráter efêmero. A qualquer instante, uma ligação, uma necessidade da família, uma urgência do trabalho ou uma situação de violência pode interromper essa experiência (Conceição, 2024).

Os resultados deslocam a compreensão canônica de lazer como tempo livre previamente disponível. Para essas mulheres, o lazer não está separado da vida cotidiana. Ele acontece nas brechas da correria. É produzido em meio às responsabilidades e não depois delas. Nesse sentido, o fazer um monte de nada aproxima-se mais de uma experiência de tranquilidade do que da ideia clássica de descanso (Conceição, 2024).

A violência também (des)organiza o cotidiano

Embora a pesquisa tenha sido realizada em um território marcado por elevados índices de violência contra mulheres negras, as interlocutoras não organizam suas narrativas apenas a partir da

violência. Ela aparece como parte da vida cotidiana, atravessando decisões, deslocamentos e relações (Conceição, 2022; 2024).

A violência reorganiza horários, modifica trajetos, altera encontros e produz estratégias constantes de proteção e prevenção. Dessa forma, ela não suspende a correria; ao contrário, torna-se um dos elementos que a intensificam (Conceição, 2024).

Esse resultado distancia-se de interpretações que compreendem a violência apenas como um acontecimento episódico. Nas experiências narradas, ela constitui uma condição que exige permanente (r)elaboração. Cada episódio desencadeia novos manejos para que a vida continue acontecendo (Conceição, 2024).

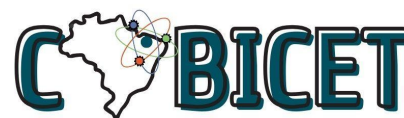
Contudo, reduzir essas mulheres às experiências de violência significaria ignorar aquilo que o próprio campo revelou. As mesmas mulheres negras que narram a correria ordinária e as violências que as acometem também narram as inventividades que possibilitam sua permanência e existência, tornando possível o "fazer um monte de nada". Da mesma forma, compartilham as estratégias e inventividades mobilizadas para que a correria extraordinária, desencadeada pela violência, possa se (r)estabelecer (Conceição, 2024).

É justamente nesse movimento que a categoria "fazer um monte de nada" adquire centralidade. Em um cotidiano marcado pela correria e atravessado pela violência, experimentar tranquilidade deixa de ser um acontecimento banal para tornar-se uma prática de re-existência (Achinte, 2013). O lazer, portanto, não representa a ausência da correria e violência, mas uma forma de afirmar a vida apesar delas.

Ao permitir que as categorias analíticas emergissem das próprias narrativas, a oralidade e a escrevivência deslocaram o foco da pesquisa das ausências para as produções cotidianas dessas mulheres. Mais do que identificar limitações impostas pela violência, os resultados evidenciam as maneiras pelas quais elas reinventam o cotidiano, produzem pertencimento e constroem possibilidades de viver. A correria, o fazer um monte de nada e a violência não são categorias isoladas, mas dimensões que se entrelaçam na experiência cotidiana e revelam a complexidade da vida de mulheres negras em territórios marcados por profundas desigualdades (Conceição, 2024).

CONCLUSÃO

Este estudo analisou, por meio das narrativas de seis mulheres negras residentes em um território marcado pela violência de gênero no município de Novo Hamburgo, as dinâmicas do cotidiano e as



possibilidades de lazer. Os resultados evidenciaram que a correria constitui uma categoria central na organização da vida dessas mulheres, expressando um cotidiano atravessado pelas responsabilidades do cuidado, pelas desigualdades raciais e de gênero e pelas violências que incidem sobre o território.

As narrativas também revelaram que o "fazer um monte de nada" não representa a ausência da correria, mas uma experiência de tranquilidade construída na suspensão dela. Nesse contexto, a violência não interrompe o cotidiano; ela o reorganiza, intensificando a necessidade de manejos e estratégias para garantir a continuidade da vida. Ainda assim, as interlocutoras produzem pertencimento e, até então denominado, lazer que reafirmam suas formas de re-existência.

Ao deslocar o olhar das ausências para as experiências produzidas pelas próprias mulheres, a pesquisa contribui para ampliar as discussões sobre lazer, gênero e relações raciais, evidenciando que compreender o cotidiano de mulheres negras exige reconhecer tanto os efeitos da violência quanto às estratégias cotidianas de criação, cuidado e produção da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao projeto de pesquisa intitulado "Relações de Gênero na Escola: Um estudo sobre as regiões de alto índice de denúncia de violência vivida por mulheres no município de Novo Hamburgo/RS", financiado pelo CNPq, e vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- Achinte, Adolfo Albán. Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos. In: WALSH, Catherine. Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. (Tomo I). Quito: Ediciones Abya-Yala, p. 443-468, 2013.
- Carneiro, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.
- Conceição, Diênifer Monique da. Mulheres negras e violência: escrituras em Território marcado pelos altos índices de denúncias de crimes contra pretas e pardas no município de Novo

Hamburgo/RS. Trabalho de conclusão de curso- Universidade Feevale. 2022.

- Conceição, Diênifer Monique da. Entre as correrias e o fazer um monte de nada: lazes de mulheres negras em um território marcado pela violência. 2024. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.
- Das Dores, Lucilene Alencar et al. Rompendo os silêncios sobre o perfil do lazer da população negra no Brasil. LICERE, v. 24, n. 4, p. 324-356, 2021.
- Evaristo, Conceição. Da grafia desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marco. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.
- Gomes, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014.
- Gonzalez, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo brasileiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, 1988.
- Gonzalez, Lélia. Lélia Gonzalez: Primavera para as rosas negras. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.
- Crenshaw, Kimberlé. Documento para encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista de Estudos Feministas, v. 10, n. 1, 2002.
- Magalhães, Magna Lima. Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS)/ Magna Lima Magalhães. -2010.
- Pacheco, Ariane Corrêa; Stigger, Marco Paulo. "É lazer, tudo bem, mas é sério": notas sobre lazer a partir do cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. Movimento, v. 22, n. 1, p. 129-142, 2016.
- Silva, André Luiz dos Santos; Meyer, Dagmar Estermann; Riegel, Roberta Plangg. Gênero, mulher, crime e violência: relações e tensões. Revista Educação em Questão, v. 59, n. 59, 2021.
- Stigger, Marco Paulo. Lazer, Cultura e Educação: possíveis articulações. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 30, n. 2, p. 73-88, 2009.